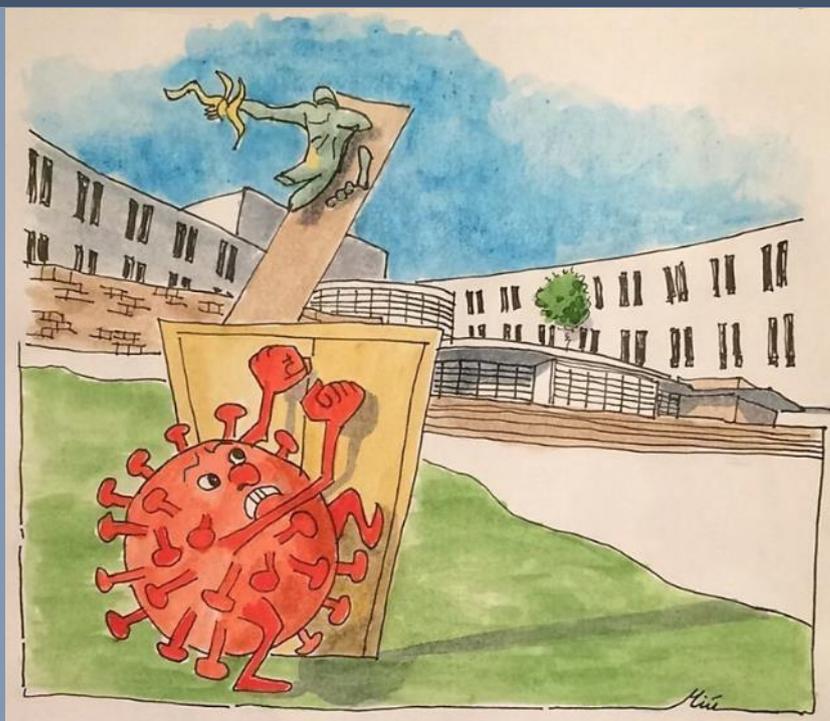




EDITORIAL



alguma apreensão. Mas uma certeza já colhemos deste impasse: desfeitas abruptamente as rotinas em que vivíamos, depressa conseguimos reerguer-nos e dar resposta a este enorme desafio. O presente Boletim, tematicamente centrado na crise generalizada que a COVID-19 desencadeou, faz parte dessa resposta, no sentido de manter as pontes de comunicação abertas e a comunidade do ILCH informada e unida.

UMINHO FECHA PORTAS AO CORONAVÍRUS

A Universidade do Minho esteve, desde o primeiro momento, na linha da frente do combate ao SARS-CoV-2. Numa decisão corajosa e previdente, depressa replicada por outras universidades, o Reitor da UMinho suspendeu as aulas a 7 e 10 de março, respetivamente nos *campi* de Braga e Guimarães – uma medida drástica e precoce de contenção do vírus. No espaço de poucos dias, todo o país se uniu num esforço único, sem precedentes na história portuguesa, de luta face a uma ameaça global, sendo canceladas as atividades pedagógicas presenciais de norte a sul.

A nível académico, o ensino *online* e o teletrabalho depressa se perfilaram como soluções prioritárias para devolver alguma normalidade ao funcionamento da vida universitária. E o ILCH, tal como todas as Escolas da UMinho, rapidamente viu os seus professores e alunos a interagir eletronicamente, através de aulas remotas, fóruns de discussão e partilha, conteúdos gravados, atividades, exercícios e projetos mediados por computador. Perante a incógnita do futuro próximo, prevaleceu a força de vontade, a responsabilidade e a determinação.

É certo que são muitas as interrogações, bastantes as dúvidas,

ENSINO ONLINE

CARLOS PAZOS DISCUTE NOVO REPTO PARA DOCENTES E ALUNOS

A suspensão das aulas presenciais na UMinho é, segundo o Presidente do Conselho Pedagógico do ILCH, o “desafio maior” a que temos de responder na fase difícil que atravessamos. Certo da “proatividade do nosso corpo docente” e do “precioso apoio dos nossos funcionários não-docentes”, está confiante de que o ensino tecnologicamente mediado nos permitirá enfrentar esta situação adversa da melhor forma possível.

Nesta fase, explica, os docentes (e os estudantes!) terão de se familiarizar rapidamente com o “incipiente ecossistema do ensino a distância”, recorrendo a várias ferramentas pedagógicas ao nosso alcance. Em particular, importa explorar todo o potencial da plataforma *Blackboard*, contando com o auxílio do Gabinete de Apoio ao Ensino e do Centro IDEA-UMinho. Seja em modalidade síncrona, seja assíncrona, diz Carlos Pazos, o ensino *online* vai permitir-nos, mediante diversas estratégias pedagógicas, avançar nos conteúdos de um amplo número de Unidades Curriculares e continuar a assegurar a nossa missão enquanto Professores da UMinho.



INVESTIGAÇÃO

CRISTINA FLORES: O CEHUM NÃO VAI PARAR

A Diretora do Centro de Estudos Humanísticos aponta que a investigação nas Humanidades, não carecendo do recurso ao laboratório físico, é menos afetada pelo encerramento da universidade do que outras áreas científicas. Mesmo assim, sublinha, não deixa de ter que se adaptar aos duros constrangimentos impostos pela situação de emergência que o país atravessa. Uma das perturbações mais evidentes foi o adiamento das seis conferências internacionais agendadas até junho de 2020. Também o cancelamento das deslocações dos membros do Centro a congressos e eventos científicos em Portugal e no estrangeiro foi muito lamentado, embora prontamente acatado.

Em contrapartida, a vontade dos investigadores do CEHUM em submeter projetos aos concursos I&D da FCT não esmoreceu, e foram já preparadas seis candidaturas em várias áreas de pesquisa. O CEHUM recebeu, também esta semana, nada menos que 12 candidaturas ao Concurso de Estímulo ao Emprego Científico. Paralelamente, publicará, nos próximos dias, o número 34.1 da revista *Diacrítica*. O trabalho no âmbito dos projetos I&D e de doutoramento também continua, agora em regime não-presencial.

Em suma, diz Cristina Flores, o CEHUM está preparado para retomar a qualquer altura o normal funcionamento das suas atividades.



INQUÉRITO

Falámos com alguns membros da Comunidade do ILCH para saber como estão a viver estas semanas inéditas na vida da UMinho e do nosso país. Colocámos, por *email*, quatro perguntas: **1.** Como avalia as medidas tomadas na UMinho, no país e em instâncias internacionais? **2.** Como transformou a sua forma de trabalhar ou de estudar? **3.** O que mudou na sua vida quotidiana e nas suas relações pessoais? **4.** Resuma em duas palavras esta última semana.

Conceição Martins

Secretaria Geral



1. São medidas tomadas para não comprometer o funcionamento dos países e em simultâneo proteger os cidadãos. Temos de acreditar nas instituições democráticas que nos governam. Há muita informação controversa, que confunde as pessoas e instala o pânico. **2.** A modalidade do teletrabalho sempre foi para mim apelativa. Agora que se tornou quase obrigatória, confesso que passou a ser um pouco claustrofóbica. **3.** Já tenho algumas saudades das filas de trânsito que tanto me faziam resmungar! Fazem alguma falta essas rotinas. Não sou muito de redes sociais. Uso alguns grupos familiares e de colegas de trabalho, para descomprimir com algumas brincadeiras. **4.** Casa...e Casa!

Maria José Vieira

BabelIUM



1. Esta crise sanitária que se instalou teve (e continua a ter) um efeito dominó a nível mundial. As medidas têm sido tomadas em crescendo e em função da evolução da situação de cada país. O país mais ocidental da Europa também não escapou à epidemia. Desde então, resultou uma avalanche de medidas, inclusive a nível institucional, que vêm sendo adaptadas e reavaliadas numa base diária. **2.** Sendo uma situação inédita, exigiu medidas excecionais. O teletrabalho está a ser uma solução viável graças aos meios tecnológicos existentes. **3.** As relações pessoais de foro profissional, mantemo-las virtualmente uma vez que o distanciamento social assim o obriga. **4.** Lema: Prevenir.

Jorge Ribeiro

Aluno de Estudos Orientais



1. A meu ver, as medidas tomadas pela UM foram excecionais e tornaram-se exemplo a seguir para o resto das academias. Quaisquer medidas que valorizem a saúde dos alunos serão sempre importantíssimas. **2.** A minha maneira de estudar continuou a ser exatamente igual. Os docentes estão a fazer um excelente trabalho ao suportar os estudantes com aulas *online*, continuando assim a assegurar o seu futuro. **3.** A imposição do isolamento social como medida preventiva pode ser dura. Como VP de uma associação de estudantes, tive de adiar eventos que muitos alunos ansiavam. Como tal, queria deixar uma mensagem a todos: Todos os eventos irão voltar, melhores e aperfeiçoados. **4.** Preocupação, Prevenção.

Paulo Ferreira

Aluno de Música e Estudos Culturais



1. Tal como muitos estudantes, o encerramento de toda a universidade pareceu-me à altura exagerado, porém, neste momento, reconheço essa decisão como a mais acertada. **2.** Os docentes começam a reformular métodos de ensino e de avaliação demonstrando-se, uma vez mais, a tecnologia como um recurso a aperfeiçoar para uso idêntico no futuro. **3.** Redobrei os cuidados no que toca ao distanciamento social, evitando ao máximo a saída de casa. No entanto, como não é tempo de férias, os trabalhos enviados pelos docentes têm ocupado o quotidiano. **4.** Responsabilidade (cívica) e Confiança (nas autoridades).

OPINIÃO

TRAUMA SOCIAL E SOLIDARIEDADE

Por: Bernhard Sylla (Dep. Filosofia)

Não venho aliviar as vossas almas com um discurso filosófico ou sacerdotal; venho apenas fazer uma brevíssima partilha de opinião.

Em primeiro lugar, pergunto: será a situação que vivemos verdadeiramente traumática? Se fosse uma situação paradigmaticamente traumática, não saberíamos como enfrentar a ameaça. Mas não é este o caso, pois não faltam sugestões práticas muito concretas e medidas impostas pelas autoridades estatais para nos protegermos a nós e aos outros, e assim minimizar o risco de contágio.

Sendo assim, o verdadeiro problema é, talvez, o medo, e este, como referiu há pouco o nosso estimado Professor Acílio Rocha, encontra a sua vacina na informação. Mas a informação nua e crua, sabemos bem, pode, por um lado, ser suprimida ou distorcida ou talhada para determinados fins; por outro lado, ainda que seja o mais objetiva possível, nem sempre cumpre a finalidade de vacina.

O maior opositor à vacina “informação” é, talvez, a nossa imaginação. No seu breve artigo, o Professor Acílio Rocha refere a quantidade de textos e/ou filmes que versam sobre o tema das pandemias, alguns dos quais se aproximam espantosamente das circunstâncias concretas da “crise Covid”. O mesmo aconteceu em relação a outros eventos que marcaram já a história do século XXI, como demonstra Derrida quando entrevistado por Giovanna Borradori sobre o “significado” dos ataques terroristas às Torres Gémeas em Nova Iorque. Certamente não é fácil interpretar estas antecipações de catástrofes, mas parece haver nelas o vestígio de um outro vírus, o de um gosto apocalíptico ou de um impulso de morte que se exprime ao criar um novo tipo de traumas, os traumas antecipados.

É este vírus que pode ser combatido através de um tipo de solidariedade que pode complementar a solidariedade prática e cívica que os médicos e os enfermeiros hoje em dia prestam. Trata-se da solidariedade de resistir à histeria e de nos confortarmos uns aos outros. Só assim conseguiremos baixar níveis exagerados de medo.



EPIDEMIA E DEMOCRACIA

Por: João Cardoso Rosas (Dep. Filosofia)

A crise epidemiológica que atravessamos vem recordar-nos de um modo concreto a fragilidade das sociedades politicamente organizadas. Mas esta questão sempre esteve presente no pensamento moderno. Enquanto os Antigos acreditavam no carácter natural das sociedades políticas, no homem como “animal político”, na expressão de Aristóteles, os Modernos passaram a considerar que essas sociedades são produto de uma construção. Tal como acontece com qualquer construção humana, as sociedades políticas apresentam fissuras ou anomias e podem mesmo, em circunstâncias especiais, degenerar naquilo a que muitos chamaram o “estado de natureza”.

Há três circunstâncias que favorecem a entropia social e podem conduzir, no limite, mesmo que de forma temporária ou localizada, ao “estado de natureza”. A primeira circunstância são as guerras civis, na medida em destroem a *Civitas* por dentro. A segunda são as catástrofes naturais, como furacões e terremotos. A terceira são as grandes epidemias. Aliás, a linguagem comum espelha o facto de associarmos espontaneamente estes três tipos de eventos: as epidemias têm “epicentros”, como os terremotos. Os médicos e enfermeiros que as combatem estão na “linha da frente”, como numa guerra.

Nestas circunstâncias vem ao de cima o medo – a paixão política mais fundamental, como notou Hobbes. Cabe àqueles que exercem o poder político canalizar o medo para a necessidade de manter a cooperação social, impedindo que ele degenera em comportamentos anti-cooperativos. Como vimos agora na China, os regimes autocráticos têm problemas – a falta de transparência – mas também importantes trunfos nesse controle do medo. Os regimes democráticos são mais transparentes, mas compreensivelmente renitentes à limitação de liberdades básicas.

Num contexto político já muito sujeito às pressões autoritárias do populismo, tanto na Europa como na América, a capacidade das democracias constitucionais para enfrentar a crise atual sem deriva autoritária será determinante para o seu futuro enquanto modelo político assim que a epidemia for debelada.